

## Artigo

# O espaço potencial é um espaço social: diálogos entre Winnicott e Bourdieu

Gabriel Barth da Silva\*

### **Resumo**

O presente trabalho busca estabelecer um diálogo entre a produção teórica do pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott e do sociólogo francês Pierre Bourdieu, estruturando um campo comum a partir de suas respectivas propostas teórico-metodológicas com um enfoque na correlação entre seus conceitos de espaço potencial e espaço social. Partindo de um breve resumo dos principais pontos das obras de ambos os autores, o trabalho busca construir um olhar no qual as suas respectivas abordagens epistemológicas deixam de ser conflitantes mas tornam-se complementares nas análises dos escritos dos autores, sendo possível complementar as dinâmicas estruturais sociais e culturais com perspectivas psicodinâmicas e vice-versa. Percebendo a formulação de ambos os espaços enquanto constructos que advêm da estrutura social, na qual o indivíduo está inserido e que é apresentado e assegurado em primeira instância pela dinâmica familiar, ressalta-se a importância de descentralizar as análises dos cotidianos e seus respectivos afetos de uma estrutura puramente sociológica ou puramente psicanalítica.

**Palavras-chave:** Transdisciplinaridade. Psicanálise. Sociologia. Espaço simbólico.

### **The potential space is a social space: a dialogue between Winnicott and Bourdieu**

### **Abstract**

The present work seeks to dialogue the theoretical production of the English pediatrician and psychoanalyst Donald Woods Winnicott with the French sociologist Pierre Bourdieu, structuring a common field from their respective theoretical-methodological proposals with a focus on the correlation between their concepts of potential space and social space. Starting from a brief summary of the main points of the works of both authors, the present work seeks to build a view in which their respective epistemological approaches are no longer conflicting but become complementary in the analysis of the authors' writings, making it possible to complement the structural dynamics social and cultural with psychodynamic perspectives, and vice versa. Realizing the formulation of both spaces as constructs that come from the social structure in which the individual is inserted, which is presented and assured in the first instance by the family dynamics, the importance of decentralizing the analyzes of daily life and their respective affections of a structure is highlighted, not limiting itself to purely sociological or purely psychoanalytic analysis.

**Keywords:** Transdisciplinarity. Psychoanalysis. Sociology. Symbolic space.

\* Mestre em Sociologia pela Universidade do Porto/Portugal, [gabrielbarths@gmail.com](mailto:gabrielbarths@gmail.com)

O presente trabalho pretende, a partir da realização de uma revisão de literatura de característica narrativa da produção teórica de Donald Woods Winnicott (2020a, 2020b, 2021a, 2021b, 2022) e de Pierre Bourdieu (1990, 1996a, 1996b, 2011, 2019, 2020), perceber como seus olhares e análises sobre a realidade cotidiana podem dialogar em torno de seus conceitos de espaço potencial e espaço social, respectivamente. A proposta se alinha em uma ótica de leitura transdisciplinar, na qual é analisada uma “dinâmica gerada pela ação de vários níveis de Realidade ao mesmo tempo” (NICOLESCU, 2018, p. 54), complementando o olhar estrutural sociológico bourdieusiano com a leitura psicodinâmica winnicottiana.

É realizada, portanto, uma aproximação entre as leituras sociológicas e psicanalíticas, comungando os olhares em um campo comum possível de análise, abrindo novas possibilidades de perspectivas de análise da realidade. Trabalhos como o de Vargas (2019), que propõe debater os conceitos de capital cultural bourdieusiano com o conceito de cultura capital freudiano no contexto escolar, permite, inicialmente, uma compreensão de possíveis pontes entre a leitura sociológica com a psicanalítica, estabelecendo uma correlação sociológica-psicanalítica entre como a introjeção cultural se dá na família, percebendo estruturas e níveis de influência em macro e microescala, observando uma relação dialética da estrutura familiar com a sociedade como um todo. Além disso, Steinmetz (2014), ao ressaltar como Bourdieu relata não haver diferenças entre sua perspectiva sobre o conceito de inconsciente do formulado por Freud, reitera como há uma abertura intelectual francesa para intercâmbios entre os campos da Sociologia e da Psicanálise. Portanto, partindo desse lugar possível de intercâmbio entre os campos do conhecimento aqui dispostos, o trabalho pretende conceituar as definições de espaço social e espaço potencial, dedicando seu final para a estruturação desse campo comum de abordagem.

## O espaço social de Bourdieu

Pierre Bourdieu (1996a), sociólogo francês, busca estabelecer uma abordagem sociológica que permita estruturar uma base epistemológica que seja, simultaneamente, relacional, partindo de propostas filosóficas de autores como Cassirer e Bachelard, que não se limite ao pensamento corrente das “realidades” substanciais de relações objetivas, e de uma filosofia de ação, nomeada de disposicional, acerca das potencialidades que os próprios agentes possuem em situações cotidianas nas quais atuam. Essa forma de leitura sobre a teoria bourdieusiana torna-se presente a partir dos trabalhos de Vandenberghe (1999, 2018), transformando a leitura bourdieusiana da dicotomia ação-estrutura para o paradigma relacional e disposicional. Nesse olhar, há a oposição sobre pressupostos antropológicos que consideram como irracionais razões que não são dadas de forma explícita, ou de narrativas estruturalistas que não percebem agentes enquanto fenômenos acidentais da estrutura na qual estão inseridos. O sociólogo francês propõe, portanto, um olhar complexo que supere as dicotomias que atravessam diversas outras correntes de pensamento das ciências sociais.

Bourdieu ressalta (1996a) como a teoria social pretende desmistificar os sujeitos enquanto seres transcendentais insubstituíveis, mas ao mesmo tempo apresenta-os enquanto singulares como seres sociais, despindo-os de liberdades ilusórias ao passo que oferece, em contrapartida, uma liberdade que advém exatamente da análise das estruturas sociais. Isso se dá a partir de uma investigação da estrutura social, em seu caso da sociedade francesa e argelina, mobilizando diversos métodos de caráter quantitativo e qualitativo, apoiados por estatísticas e etnografias, além da observação e da avaliação em dimensões micro e macrosociológicas, buscando, nesse processo, apanhar “o invariante, a estrutura, na variante observada” (BOURDIEU, 1996a, p.15), respeitando suas realidades históricas e objetivando compreender as estruturas e os mecanismos que apresentam-se em determinado contexto,

podendo escapar ao olhar dos agentes que constituem o cotidiano dessa realidade.

Portanto, Bourdieu (1996a) defende a compreensão das práticas no contexto de sua estrutura social, evitando partir e compreender elas por si mesmas, percebendo que a realização de uma prática se dá em um universo de práticas intercambiáveis. Deve-se pensar, necessariamente, uma prática em sua historicidade social no contexto de sua própria realidade, e não pela lógica de outro local e olhar. Também é preciso repensar como práticas não são essenciais a grupos sociais e a sujeitos, podendo ser transformadas, redimensionadas e recolocadas na estrutura social em seu próprio processo histórico, justificando um olhar que observa as disposições de bens e práticas ofertadas na estrutura com seus sujeitos e como seus processos e atividades se relacionam contemporaneamente e historicamente. Portanto, as diferenças realizadas na sociedade são necessariamente relacionais pois só existem em relação a outras propriedades, sendo sua qualidade revestida pelos próprios processos da estrutura social ao longo do tempo.

O espaço social ressalta essa qualidade pois, para Bourdieu (1990, 1996a), esse é um espaço no qual os agentes e/ou os grupos sociais estão distribuídos em posições com qualidades próprias, variando em seus diversos tipos de capitais, que geralmente podem ser indicados a partir do capital econômico e cultural no contexto capitalista francês dos anos 1970. Os agentes possuem mais fatores comuns quanto mais próximos estão na composição de seus capitais entre si, distinguindo-se a partir de seu acúmulo na estrutura social. Os detentores de maior volume de capital, utilizando como exemplo os de caráter econômico e cultural, como empresários e professores universitários, se opõem no espaço social a operários não qualificados. Porém, os próprios professores e empresários se diferenciam entre si, pois possuem acúmulos de diferentes tipos de capital, sobrepondo o econômico em uns e cultural em outros, estabelecendo distintas posições no espaço social. Essas diferenças fundamentam suas disposições e tomadas de posição, se traduzindo em oposições políticas, por exemplo. As classes, para Bourdieu

(2020), são construídas com sujeitos ativos que classificam a si e aos outros. É a partir dessas classificações que se dá a construção do espaço social no qual os sujeitos são situados.

Esse exemplo é realçado na análise que Bourdieu (2011) realiza sobre o caso francês, no qual dispõe em um gráfico de dois eixos transversais apresentados em forma de cruz as disposições sociais dos agentes que investigou, colocando na parte superior quem dispõe de um grande acúmulo de capital, enquanto quem possui um menor volume situa-se abaixo. As distinções de capital econômico e cultural separaria os agentes. Para compreender como cada agente situa-se e distingue-se nesse espaço há a necessidade de observar a trajetória histórica desse sujeito e de sua família, percebendo suas identificações e tendências a posicionar-se de forma diferencial nesse esquema. Para Bourdieu (2019), esse espaço se organiza, portanto, em contínuas tensões de dominação e dominado, com verdades antagônicas que se contrapõem e são disputadas continuamente.

É ressaltado por Bourdieu (2019) como há ganhos em distinguir-se socialmente, diferenciando-se do comum, pois assim torna-se possível ascender e mudar de sua posição no espaço social. As obras de arte, portanto, também atuam com grande importância nessa dinâmica, pois com o acúmulo do capital cultural pode-se distinguir-se socialmente e aumentar suas ferramentas possíveis de instrumentalização cotidiana para ascensão e distinção social.

Essas condições sociais geradas a partir das disposições que estruturam o espaço social condicionam socialmente os sujeitos, como demonstra Bourdieu (1996a), gerando uma classe de *habitus* (ou de *gostos*), que geram uma afinidade de estilo, que se vincula, por sua vez, a práticas e bens de um agente e sua classe. Os *habitus* geram, portanto, práticas distintas e distintivas, moldando o cotidiano de seus agentes dependendo de sua posição no espaço social, estabelecendo diferenças entre o bom e o mau, o valor e o desvalor, etc, possuindo suas próprias lógicas de divisões simbólicas que, por sua vez, formulam uma *linguagem*. Ser um indivíduo no espaço, portanto,

é ser distinto de outro sujeito que ocupa outro espaço em uma mesma estrutura social, que reconhecem os valores que constituem o espaço e validam suas diferentes formas de capital. Explorando os princípios de diferenciação que caracterizam uma sociedade, torna-se possível analisar metodologicamente, em uma perspectiva bourdieusiana, as dinâmicas que atravessam o espaço social pretendido.

Portanto, a proposta de Bourdieu (1996a) é um empreendimento teórico-metodológico que não se limita em descrever os fenômenos da realidade social, mas também explicá-los, com probabilidades e possíveis previsões, caracterizando as propriedades que compõem e caracterizam as distinções sociais. Estabelecendo um paradigma dinâmico, desvincula-se de um determinismo epistemológico, permitindo espaços com “distâncias que predizem encontros, afinidades, simpatias e até desejos” (1996a, p.24), até pela probabilidade de encontro físico, sem necessariamente haver uma coesão interna com objetivos comuns como no conceito de classe marxista. As posições no espaço, portanto, demonstram-se enquanto potencialidades objetivas de unidade, com suas probabilidades próprias. Essas criações de classes, com suas respectivas criações de identidade individuais e coletivas, se dão no espaço social que se situa em uma estrutura que distribui diferentes tipos de capital social, que são instrumentalizados para comandar as representações e as tomadas de posição no espaço.

São diversos os tipos de capitais que são atribuídos a sujeitos em um espaço social e que, por consequência, determinam as posições de seus agentes, como defende Bourdieu (1996a). Há uma reprodução interna de capitais, como, por exemplo, a escola reproduz a distribuição do capital cultural, em uma estrutura que possui a tendência de que determinado agrupamento familiar perpetue seu ser social, gerando heranças que permitem sujeitos de famílias que já possuem um grande volume de capital acumulado mantenham privilégios na sua reprodução a cada geração. As próprias instituições escolares, atentando-se ao mesmo exemplo, possuem graus de distinção, que marcam o pertencimento de sujeitos a grupos

diferentes e que, no decorrer de sua vida, carregam o título de ex-aluno de determinada instituição de ensino com seu determinado prestígio. Os acessos, portanto, não se dão em uma racionalidade por si só, mas também pela razão de divisões a partir das disposições no espaço social, com a entrega de diplomas consumando a transmissão de títulos como reprodução de uma dinâmica previamente observada na sagração de cavaleiros da nobreza europeia.

Os agentes sociais não desconhecem essas dinâmicas, ao passo que, como desenvolve Bourdieu (1996a), possuem um senso prático que advém do sistema adquirido a partir de sua posição inicial no espaço social, com seus princípios e preferências, estabelecendo estruturas cognitivas e de esquema de ação, situados a partir do *habitus* de sua posição, antecipando os resultados de seus atos, como suas práticas nas instituições escolares. Geram-se “vocações” que orientam a instituições ou disciplinas, com peso relativo de seu capital econômico e cultural retraduzidos em referências para planejamento e prática cotidiana. Nesse sentido, há uma expectativa e uma perspectiva prévia ao sujeito do caminho a percorrer sua trajetória de vida, com seus constrangimentos e limitações decorrentes de sua posição, podendo a delinquência escolar ou o adoecimento nesse contexto também ser percebidos como respostas sobre os próprios mecanismos de imputação de julgamentos e vereditos do sistema escolar que são estabelecidos pelas dinâmicas do espaço social e de suas reproduções de expectativa. Apesar dessas limitações:

Essa estrutura não é imutável e a topologia que descreve um estado de posições sociais permite fundar uma análise dinâmica da conservação e da transformação da estrutura e da distribuição das propriedades ativas e, assim, do espaço social. É isso que acredito expressar quando descrevo o espaço social global como um *campo*, isto é, ao mesmo tempo, como um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou a transformação de sua estrutura (BOURDIEU, 1996a, p. 50).

Campos de produção cultural, aponta Bourdieu (1996a) possibilitam um espaço de possibilidades aos seus agentes, definindo problemas,

referências, conceitos e marcas que regulam a sua participação. Esse procedimento permite a produção cultural e intelectual de uma época ser marcada por um espaço autônomo de criação, ao passo que também é determinado diretamente por diretrizes do espaço social que se correlacionam com outras instâncias da estrutura social, situando os potenciais criadores em relações interdependentes. A ordem cultural, portanto, ao passo que possui sua própria historicidade e regras, também responde ao mundo social, com expectativas dos grupos sociais de origem de seus agentes, em que o microcosmo cultural, com suas próprias relações de força e lutas, se relacionam reflexivamente com a estrutura social externa.

As determinações dos ritos institucionais do espaço que constroem o sujeito podem ser percebidas de início no nome próprio, fato que Bourdieu (1996a) ressalta por seu caráter arbitrário e que só pode ser compreendido a partir da constituição biológica e social do sujeito, não atestando uma personalidade por si só, sendo um suporte pelo qual o conjunto de propriedades que são vinculadas aos sujeitos são expressas, permitindo um acesso à existência social. Esse fenômeno justifica como as histórias de vida são centralmente marcadas por carteiras de identidade, currículos, biografias oficiais, e de uma filosofia da identidade que é formulada a partir dos questionários oficiais, sendo regulada principalmente pela confidencialidade que varia de acordo com o âmbito e a expectativa que é atribuída a determinada pessoa, variando, por exemplo, o seu grau de apresentação de si para a apresentação privada (como a família) para a esfera pública, com pressupostos inconscientes internalizados que automaticamente regulam essas formas de expressão e definição de si em diferentes espaços.

O Estado, portanto, está diretamente relacionado à produção simbólica, como ressalta Bourdieu (1996a), em que até a sua representação social por parte da Sociologia está intrinsecamente relacionada com o fazer parte da própria realidade do Estado, que por sua vez produz as condições de produção da ciência social. O Estado, pela perspectiva bourdiesiana, é:



Resultado de um processo de concentração de diferentes tipos de capital, capital de força física ou de instrumentos de coerção (exército, polícia), capital econômico, capital cultural, ou melhor, de informação, capital simbólico, concentração que, enquanto tal, constitui o Estado como detentor de uma espécie de metacapital, com poder sobre os outros tipos de capital e sobre seus detentores. A concentração de diferentes tipos de capital (que vai junto com a construção dos diversos campos correspondentes) leva, de fato à emergência de um capital específico, propriamente estatal, que permite ao Estado exercer um poder sobre os diversos campos e sobre os diferentes tipos específicos de capital, especialmente sobre as taxas de câmbio entre eles (e, concomitantemente, sobre as relações de força entre seus detentores) (BOURDIEU, 1996a, p. 99-100).

Com sua concentração de capitais, como de força física, o Estado se afirma perante outros Estados e em seu interior em relação aos contrapoderes e as resistências, não podendo ser observado fora da sua interdependência de acúmulo de outras formas de capital, como o econômico e o capital simbólico de reconhecimento e legitimidade, processo central na perspectiva de Bourdieu (1996a) sobre a formação da estrutura social. Além disso, o mercado cultural também é central na atividade estatal, pois a Cultura permite unificar os códigos que ele deseja transmitir, impõe uma cultura dominante universalmente reconhecida e tornando-a legítima, atravessando suas instituições internas, como a escolar, junto de sua língua oficial. Gera-se, portanto, uma concentração de capital simbólico de autoridade reconhecida, sendo o capital simbólico “uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital, físico, econômico, cultural, social), percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las (percebê-las) e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor” (1996a, p. 107).

Bourdieu (1996a) também defende como a construção do Estado acompanha a construção de uma historicidade comum a seus membros, enquadrando práticas, percepções e pensamentos comuns, com suas respectivas estruturas mentais e formas de classificação que advêm da estrutura social, gerando as condições de formação de um *habitus*. Formula-se um calendário social no qual os sujeitos adaptam-se e estabelecem um consenso e um sendo comum, com referências objetivas na realidade para a formalização de princípios que atravessam os sujeitos e semeiam disposições

que são reanimadas continuamente na vida cotidiana para uma submissão à ordem que é organizada pela história coletiva e individual.

A família atua, para Bourdieu (1996a), como:

A mais natural das categorias sociais, e se está destinada, por isso, a fornecer o modelo de todos os corpos sociais, é porque a categoria familiar funciona, no *habitus*, como esquema classificatório e princípio de construção e da família como corpo social específico, adquirido no próprio seio de uma família como ficção social realizada. De fato, a família é produto de um verdadeiro trabalho de instituição, ritual e técnico ao mesmo tempo, que visa instituir de maneira duradoura, em cada um dos membros da unidade instituída, sentimentos adequados a assegurar a integração que é a condição de existência e persistência dessa unidade (BOURDIEU, 1996a, p. 129).

Há uma expectativa de atos e afeições obrigatórias enquanto sentimento afetivo familiar, que permite existir e subsistir enquanto afirma-se como corpo, com suas próprias relações de força física, econômica e simbólica internas e externas, como assinala Bourdieu (1996a). Formula-se uma norma social universal que permite, por consequência, a condição de “acumulação e transmissão de privilégios, econômicos, culturais, simbólicos (1996a, p. 131), gerando a manutenção da ordem social, reproduzindo não apenas biologicamente, mas também socialmente.

Será elaborado por Bourdieu (1996b) como família é uma categoria recentemente inventada nos moldes que se dão contemporaneamente, e não como um fenômeno natural que ocorre enquanto existência humana. Essa perspectiva permite debater sobre as diferenças e similaridades que se dão nas experiências familiares, e de como elas afetam os sujeitos que compõem a sociedade, recuperando sua função de transmissão de capitais e de socialização do sujeito na realidade social. Willekens & Lievens (2014) ressaltam como no modelo bourdieusiano a participação cultural se dá a partir da experiência prévia familiar, que resultam na transmissão dinâmica de disposições do sujeito sobre possíveis atividades que pode vir a exercer e sua valorização de experiências culturais, como a leitura, a escuta de música, entre outros fatores que atravessam diretamente a experiência cotidiana do sujeito na vida adulta.

Nas disputas que se dão no espaço social, Bourdieu (1996a) ressalta que há tantos interesses como há campos, pois, “cada campo, ao se produzir, produz uma forma de interesse que, do ponto de vista de um outro campo, pode parecer desinteresse (ou absurdo, falta de realismo, loucura, etc.)” (1996a, p. 149), necessitando, portanto, compreender os interesses nas instâncias dadas na própria realidade histórica do campo, sendo útil o conceito de capital simbólico por poder se adaptar aos valores dados por determinado grupo. O capital simbólico, portanto, sustenta-se em um conhecimento e reconhecimento cognitivo comum em determinada realidade. Pode-se pensar o campo enquanto um jogo com seus jogadores, que conhecem suas regras e que não precisam explicitá-las continuamente como e o que se deve fazer, sendo possível também pensar as economias de trocas simbólicas também a partir desse paradigma, em que os membros conhecem e reconhecem os valores de determinados bens e, por consequência, a dominação desses bens, gerando formas de dominação simbólica.

## **O espaço potencial de Winnicott**

Donald Woods Winnicott (2021b), pediatra e psicanalista inglês, estrutura uma proposta epistemológica que baseia-se nas formulações de Sigmund Freud e Melanie Klein, centralmente, além de outros autores da psicanálise, para propor uma clínica que centra os fenômenos psíquicos nas primeiras experiências do sujeito enquanto bebê e seu ambiente familiar, que permite ou não a existência de um espaço possível, caracterizado pelo autor como “suficientemente bom”, para desenvolver ferramentas e habilidades que serão instrumentalizadas no decorrer de sua vida. Nessa perspectiva, o ambiente suficientemente bom seria identificado a partir de uma relação com a figura materna que facilita as tendências individuais do bebê, se adaptando às suas necessidades e que vai diminuindo essa adaptabilidade de acordo com a inserção do bebê e da criança no mundo cotidiano, permitindo experimentar

frustrações, que resultará na aquisição de um senso de *self* e de ser no final da adolescência.

Como é ressaltado por Dias (2021), a proposta de Winnicott pode ser percebida enquanto uma mudança paradigmática no universo psicanalítico. Isso ocorre pois o psicanalista inglês não parte do desenvolvimento sexual enquanto principal elemento formador da identidade do sujeito, mas centra-se principalmente em torno da teoria do amadurecimento humano, com novos conceitos básicos, que centra-se na vivência de um ambiente familiar suficientemente bom que permite a experimentar diversas fases do processo de amadurecimento do sujeito que passa de uma dependência completa para a independência, mudando o olhar para as dinâmicas de confiabilidade, afeto e criatividade concebidas no ambiente familiar que, por sua vez, vão ser internalizadas enquanto mecanismos que atuam e são recuperados no decorrer de sua vida em um limiar de saúde. Em casos clínicos, a relação terapêutica estabelece-se em torno do paradigma da mãe suficientemente boa, com sensibilidade pessoal e com ferramentas de identificação com o paciente e compreensão de suas necessidades em um ambiente que permite a vivência de experiências que não foram possíveis em sua infância. Nesse contexto, a saúde não se dá no não sofrer, mas na internalização de formas criativas e simbólicas de lidar com o sofrimento ao possuir ferramentas que advêm das experiências iniciais no ambiente familiar.

Na primeira relação que estabelece em sua vida com a mãe, o bebê, para Winnicott (2020a), necessita de uma base segura e saudável para estabelecer uma boa base para a sua saúde mental. Necessita de segurança física e afetiva para conhecer e reconhecer o mundo, realizando nesse processo a formação de seu *self*, estabelecendo um si mesmo que difere do mundo e assim pode se observar e reconhecer suas atitudes no mundo.

Para Winnicott (2021b) o indivíduo saudável é capaz de alcançar uma identificação com a sociedade sem perder um impulso individual, dispondo de sensações próprias com seus medos, sentimentos conflituosos e dúvidas

enquanto identifica-os, reconhece-os como seus e assume responsabilidade sobre si. Para o autor, isso só é possível quando no seu ambiente familiar houve uma segurança enquanto bebês, inclusive de forma mais literal no que diz respeito ao próprio segurar da mãe em relação ao sujeito, que seu toque necessariamente inicia essa relação do indivíduo com o mundo e sua segurança sobre si e suas relações. A família, portanto, é o primeiro agrupamento em que uma estrutura social se relaciona com a personalidade do sujeito, principalmente em sua primeira separação da mãe com a entrada da figura paterna.

É também realçado por Winnicott (2021b) como a relação com objetos externos faz parte do processo de amadurecimento e é atravessada pela segurança do ambiente. Nessa relação com objetos externos, o bebê consegue elaborar conteúdos internos no mundo externos com objetos que são eleitos para realizarem essa função. Nesse processo, o objeto deixa de estar para ele apenas externamente, ao passo que também não torna-se interno, gerando uma dinâmica transicional, em um local intermediário entre o interno e o externo, chamando-o de espaço potencial. Com esse objeto o bebê desenvolve sua criatividade, pois pensa criar e modificar o mundo, sendo essa experiência central para o desenvolvimento da criatividade para encontrar novas soluções para seus dilemas existenciais de caráter interno ou externo, além de haver uma mudança de como a pessoa engaja criativamente com o mundo, realizando uma mudança do objeto transicional original para as experiências culturais na vida adulta. É ressaltado pelo autor, por exemplo, como, ao imaginar planejar uma aula, ele vivencia esse campo transicional, que é fundado na brincadeira com o objeto transicional, sendo também uma forma de brincadeira na vida adulta que advém da estruturação das áreas intermediárias na primeira infância.

Para esse desenvolvimento imaginário e criativo seja realizado, Winnicott (2020b) ressalta como o objeto deve ser reconhecido e validado externamente, sendo apoiada sua relação pelos pais. O bebê crê ter um poder mágico sobre o objeto, que possui qualidades próprias de existência, que

futuramente tem um desinvestimento gradual, transferindo para o próprio indivíduo a possibilidade de instrumentalizar objetos e experiências de caráter transicional no decorrer de sua vida. Não é então o objeto em si que é naturalmente dado como transicional, nessa área entre o interno e o externo, mas ele se dá na representação desse estado a partir da vivência e da experiência do sujeito.

Esse espaço potencial, que se localiza o brincar, é o que Winnicott (2020b, 2021a) percebe enquanto essencial para a realização do bebê enquanto pessoa, não dependendo de características genéticas, mas das características ambientais no qual o indivíduo insere-se. Nesse brincar é onde ensaiamos a inserção no mundo, abrindo mão do sentimento de onipotência sobre a realidade externa para uma abertura de possibilidade de perceber sua vivência no mundo enquanto pessoa que pode atuar de forma criativa, sendo potencial exatamente pois permite a realização das potencialidades que advém das características biológicas, sociais e psicológicas da pessoa, construindo um “eu” que difere de um “não-eu”, engajando nesse processo de forma lúdica. Sendo inicialmente esse objeto utilizado na transformação das formas de interação com a mãe, futuramente essa dinâmica se dá nas suas relações com um Outro no geral, seja em amizades, em relações laborais, em situações cotidianas humanas no geral.

Portanto, para Winnicott (2022), é de extrema importância em que haja um desenvolvimento de segurança e criatividade na formação desse espaço potencial enquanto bebê e criança, pois só assim que é desenvolvido um ego e, como resultado, uma ideia de *self* para a pessoa, adquirindo novos graus de maturidade e, por consequência, de saúde. Essas fases de graus de maturidade e suas aquisições, de acordo com o autor, são centrais para a configuração da sociedade, pois embora haja uma valorização e apoio para o desenvolvimento de tendências agressivas que são valorizadas estruturalmente, a imaturidade torna-se algo negativo para a sociedade, pois impede a responsabilidade do indivíduo no que concerne seus relacionamentos e impulsos, desenvolvendo comportamentos antissociais.

Winnicott (2021b), portanto, ressalta como não há a realização pessoal do sujeito sem sociedade, nem a sociedade é possível sem o desenvolvimento desses processos de maturidade que inerentemente estão correlacionados com a qualidade da relação de objeto transicional e do desenvolvimento em um ambiente suficientemente bom.

Winnicott (2020b) defende como a fantasia, no desenvolvimento do sujeito, atua de forma central no seu próprio desenvolvimento e, por consequência, na formação da sociedade, pois interfere na ação e na vida do mundo real e externo no qual o indivíduo vivencia seus conteúdos internos a partir de contatos criativos e transicionais, realizando seus potenciais. A fantasia e a imaginação, nesse caso, atravessam o olhar interno e externo da realidade, que continuamente são transformados e reconfigurados a partir das experiências que são acumuladas e ressignificadas em cada momento da vivência. Percebe-se, nesse processo, o brincar como essencial na vida cotidiana, em que a realidade é vivenciada como um interjogo entre o interno e o externo na fantasia da pessoa, localizando-se esse brincar e as experiências culturais no espaço potencial que capacita o sujeito a ser criativo de acordo com as ferramentas dispostas no seu dia-a-dia.

## **Pensando o simbolismo dos espaços**

De início, é possível perceber como Bourdieu (1996a) e Winnicott (2021b) centralizam nas figuras familiares e suas configurações aspectos e fenômenos centrais no processo de socialização e formação identitária do sujeito. Seja na transmissão do *habitus* enquanto classes de gosto e modo de atuação social cotidiana em um trabalho institucional, ritualístico e técnico de inserção do sujeito na sociedade, ou na formulação de um ambiente “suficientemente bom” para a formação do sujeito, os olhares teóricos do inglês e do francês se alinham ao perceberem como analisar a dinâmica que o sujeito estabelece com sua família, e como essas marcas o acompanham no decorrer de sua vida, tornando a família um grupo social essencial para a

possibilidade do sujeito fundar-se enquanto pessoa na sociedade, com sua responsabilidade e possibilidade de atuações que decorrem do ambiente no qual ele é formado.

Retomando a proposta de Bourdieu (1996a) da formulação de uma teoria social que pretende desmistificar a transcendência dos sujeitos enquanto agentes que podem ir além da estrutura social na qual estão inseridos, ao passo que também percebe suas potencialidades nas próprias dinâmicas do espaço social, com uma liberdade que, mesmo tendo suas limitações, ainda se configura enquanto liberdade, esse olhar pode ser correlacionado com a proposta de relação objetal de Winnicott (2021b). Para o psicanalista, os objetos externos fazem parte do processo de amadurecimento junto da segurança do ambiente, que forma e funda o sujeito. Relembrar essa proposta é interessante nesse contexto pois, ao passo que há os limites que advém do espaço social, o olhar do autor inglês permite observar como o desenvolvimento da criatividade e da maturidade do sujeito permitem encarar a realidade de forma simbólica, facilitando sua responsabilização e a busca por soluções criativas para problemas complexos, sendo possível com os próprios elementos da realidade, de forma material e simbólica, levar aos extremos os limites que advém das dinâmicas da estrutura social na qual está inserido, sendo um elemento central ao analisar e perceber os atores sociais em suas atitudes e posições cotidianas perante seus entraves nas disputas no espaço social.

Percebendo o espaço social enquanto o espaço no qual os sujeitos e seus grupos estão distribuídos com suas qualidades e volumes a partir do acúmulo de diversas formas de capital simbólico, Bourdieu (1996a) percebe como as afinidades dos agentes possuem mais fatores comuns de acordo com a proximidade desses capitais e seus respectivos volumes, é possível dialogar essa perspectiva com o prisma de Winnicott (2020b) com a necessidade de realização do sujeito enquanto pessoa no desenvolvimento do seu *self* para a participação dessa dinâmica social. Considerando que deve haver algum reconhecimento simbólico para o reconhecimento e, conseqüentemente,



engajamento da pessoa com a sua estrutura social, percebendo o espaço social com suas diferentes estâncias, ressalta-se a importância da realização desse espaço potencial enquanto espaço imaginativo do indivíduo para poder visualizar e atuar em conjunto nessa dinâmica. É um pressuposto bourdieusiano que a realidade existe a partir do reconhecimento simbólico por parte de seus membros das instâncias que compõem a estrutura social, o que reitera a defesa winnicottiana da necessidade do desenvolvimento da criatividade na fundação do sujeito, além de sua posição de que a sociedade necessita que haja um ambiente suficientemente bom para a formação do sujeito, criando uma dependência mútua de sujeito e estrutura social.

Ao passo que Bourdieu (2020) ressalta como as classes são construídas a partir de sujeitos ativos que classificam a si e aos outros, montando e configurando o espaço social, Winnicott (2020b, 2021a) também explicita como a formação do sujeito no espaço potencial necessariamente se dá nas qualidades ambientais e do contexto no qual o indivíduo está inserido. Considerando como a teoria bourdieusiana ressalta a importância do fator ativo que os agentes desempenham ao serem sujeitos que classificam a realidade, essa dinâmica pode ser encontrada na teoria winnicottiana ao perceber que nesse espaço potencial entre o externo e o interno é onde a pessoa estabelece a diferenciação entre o “eu” do “não-eu”, se dando também por classificações realizadas a partir de si com apoio de seu contexto ambiental, necessariamente.

Além disso, como Bourdieu (1996a) defende a possibilidade de atuação no campo cultural dentro de seus limites, podendo gerar transformações a partir das ferramentas previamente dispostas e aceitas por seus agentes, a perspectiva de fantasia de Winnicott (2020b) enquanto forma de desenvolvimento e formação na sociedade interferindo no real e externo junto ao interno é essencial nesse caso. Isso é justificado pois é apenas no olhar criativo dos agentes culturais e de seu fantasiar a realidade que se torna possível sua transformação no campo, não havendo apenas realidades externa

e interna distintas e marcadamente separadas, mas uma necessariamente interagindo e transformando a outra.

Bourdieu (1996a) reitera como os constrangimentos e limitações da posição do espaço social podem gerar graus de adoecimento psíquico, citando casos situados em contexto escolar desse fenômeno. O olhar da criatividade de Winnicott (2021b) permite complexificar esse processo pois, de acordo com o autor, não há realização do sujeito sem sociedade, nem sociedade sem realização do sujeito, explicitando a necessidade de desenvolvimento criativo e imaginativo da pessoa para poder estabelecer uma relação saudável com seu contexto. Considerando as condições que cada posição no espaço social dispõe para a realização dos processos de maturidade do sujeito no decorrer de sua vida, seja em volume ou qualidade de capital, em que o capital econômico ao passo que permite uma melhor situação perante as qualidades de ensino e de acesso a saúde não necessariamente se alinharia com um melhor contexto familiar para um bom estabelecimento de um objeto transicional, diferentemente de um maior acúmulo de volume de capital cultural, não só pode-se como torna-se emergente alinhar as perspectivas estruturais sociais com o olhar psicodinâmico para compreender a formação do sujeito na realidade.

Porém, recuperando o trabalho de Willekens & Lievens (2014) sobre a transmissão de valores familiares para o sujeito na estrutura bourdieusiana, o valor sobre a experiência cultural em forma de transmissão de capital cultural torna-se central para compreender a proposta de saúde para Winnicott (2020b), como ressaltado por Dias (2021). Ao considerar como a experiência cultural atua enquanto objeto transicional para o indivíduo adulto para a vivência de seus conteúdos inconscientes no seu exterior, pensar as possibilidades e valorizações da experiência cultural em diferentes distinções no espaço social, como proposto por Bourdieu (1996a) é indispensável, pois auxilia refletir e conceber quais famílias possuem as condições de estabelecer ambientes de saúde criativos para seus membros, com suas valorizações e transmissões geracionais. Lembrar o trabalho de

Steinmetz (2014) sobre a simetria de perspectiva sobre o inconsciente de Freud e Bourdieu, e observando como Winnicott estabelece sua teoria na mesma teoria conceitual de inconsciente que Freud, pensar uma aproximação entre os modelos teóricos aqui propostos entre essas transmissões familiares torna-se possível.

Considerando essas transmissões geracionais estabelecidas por Bourdieu (1996a), existem espaços sociais que possuem melhores probabilidades de oferecer e sustentar um ambiente suficientemente bom para o bebê em todo o seu processo vital, estabelecendo, de acordo com Winnicott (2020b), melhores condições de saúde e de formas mais criativas de vivenciar sua vida. Perceber esses padrões e esses aspectos tornam-se centrais para debater possíveis intervenções na realidade, além de contemplar novos padrões possíveis de intervenção na estrutura social a partir das possibilidades que provém da posição no espaço social, permitindo a vivência criativa e transicional em instâncias diversas da realidade, em seus múltiplos grupos sociais.

Por fim, ressalta-se como tanto Bourdieu (1996a) quanto Winnicott (2020b) pensam em termos de jogo suas formulações teóricas. O capital simbólico que se sustenta em um conhecimento e reconhecimento cognitivo é imaginado em um jogo com seus jogadores que conhecem as regras e atuam sobre elas, com reconhecimento de bens que são disputados no seu cotidiano de forma simbólica. Enquanto isso, a fantasia que atravessa toda a dinâmica e a vivência do sujeito na realidade pode ser pensada enquanto um brincar contínuo do sujeito criativo, que percebe os dilemas como jogos possíveis de serem jogados criativamente, tornando a realidade um interjogo no espaço potencial que contempla o interno e o externo, sendo na vida adulta fomentado a partir da cultural.

Portanto, é possível pensar ambos os espaços formulados pelos autores enquanto espaços simbólicos, no qual o sujeito pode atuar de acordo com as ferramentas dadas na sua posição no espaço social para a formulação e reconfiguração de seus significados e possibilidades no espaço potencial,

comungando ambas as dinâmicas em uma mesma experiência cotidiana. Reitera-se a importância de uma maior exploração desse diálogo e debate em contínuos trabalhos que criam pontes entre os campos da Psicanálise com a Sociologia, ressaltando a riqueza de uma análise que supera os limites rígidos das áreas do conhecimento para permitir cada vez maior profundidade nos conhecimentos que advêm do dia-a-dia contemporâneo.

## **Considerações Finais**

O presente trabalho objetivou estabelecer um diálogo a partir de pontos convergentes nas teorias de Pierre Bourdieu e Donald Woods Winnicott. Ao contemplar como cada autor estrutura sua própria lógica de análise e compreensão dos processos de socialização e formação do sujeito a partir das dinâmicas familiares em que ele está inserido, percebe-se como a realidade psíquica e as dinâmicas sociais complementam-se na análise dos processos que compõem a realidade cotidiana, com suas especificidades em cada área do conhecimento, que por sua vez auxiliam na elucidação de fenômenos contemporâneos.

Considerando trabalhos previamente realizados de aproximação da teoria bourdieusiana com leituras psicanalíticas, é possível ponderar como o inconsciente freudiano pode se relacionar com a teoria disposicional de Bourdieu, fator que facilita o diálogo com a teoria winnicottiana ao considerar sua base na Psicanálise de Freud. Cria-se um corpo teórico que explica a realidade social com suas possibilidades e disposições estruturais junto de um aprofundamento sobre processos psíquicos de seus membros, percebendo como o sujeito é formado em uma dinâmica complexa de possíveis características identitárias e psíquicas, que decorrem de suas particularidades nas diferentes posições no espaço social e em suas condições ambientais.

Nesse processo, pensa-se o espaço social apresentado por Bourdieu enquanto uma base mútua e dialética para compreender o espaço potencial

de Winnicott, contemplando como as possibilidades de tornar-se sujeito em uma vivência criativa são coexistentes com as dinâmicas estruturais do espaço social no qual está inserido. Deixa-se de pensar nas instâncias sociais estruturais e psíquicas enquanto fenômenos distintos, sem comunicação interdisciplinar, mas percebendo-as pelas lentes de uma ótica transdisciplinar comum.

O presente trabalho apoia um contínuo desenvolvimento de diálogo entre os campos do conhecimento da Sociologia e da Psicanálise, ressaltando o desenvolvimento de pesquisas que busquem contemplar e debater perspectivas que abarquem ambos os campos de conhecimento em uma lógica transdisciplinar. Abandona-se, nesse processo, um olhar cartesiano de corte e separação de instâncias do conhecimento, objetivando uma leitura da realidade complexa e que observa e analisa os diversos fenômenos que afetam diretamente o desenvolvimento de conhecimentos acerca da realidade contemporânea.

**Gabriel Barth da Silva** é mestre em Sociologia pela Universidade do Porto (2022) e Bacharel em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2019).

Contato: [gabrielbarths@gmail.com](mailto:gabrielbarths@gmail.com)

Artigo recebido em: 14/10/2022

Aprovado em: 07/12/2022

Como citar este texto: SILVA, Gabriel Barth da. O espaço potencial é um espaço social: diálogos entre Winnicott e Bourdieu. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 08, nº 02, p. 235-257, 2022.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Editora Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Papirus Editora, 1996a.
- BOURDIEU, Pierre. On the family as a realized category. **Theory, culture & society**, 1996b, 13.3: 19-26.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia geral, vol 1: lutas de classificação: Curso no Collège de France (1981-1982)**. Petrópolis: Vozes, 2020.
- DIAS, Elsa Oliveira. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. São Paulo: DWWeditorial, 2021.
- NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. TRIOM, 2018.
- STEINMETZ, George. From sociology to socioanalysis: Rethinking Bourdieu's concepts of habitus, symbolic capital, and field along psychoanalytic lines. In: CHANCER, Lynn; ANDREWS, John. **The unhappy divorce of sociology and psychoanalysis**. Palgrave Macmillan, London, 2014. p. 203-219.
- VANDENBERGHE, Frédéric. "The real is relational": an epistemological analysis of Pierre Bourdieu's generative structuralism. **Sociological theory**, 1999, 17.1: 32-67.
- VANDENBERGHE, Frédéric. The relation as magical operator: Overcoming the divide between relational and processual sociology. In: DÉPELTEAU, François. **The Palgrave handbook of relational sociology**. Palgrave Macmillan, Cham, 2018. p. 35-57.
- VARGAS, F. M. O capital cultural em Bourdieu e a cultura capital em Freud: breves indicações sobre psicanálise e/da educação. **CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, [S. l.], n. 29, p. 22, 2019. DOI: 10.34019/1981-2140.2019.17544. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17544>. Acesso em: 1 dez. 2022.
- WILLEKENS, Mart; LIEVENS, John. Family (and) culture: The effect of cultural capital within the family on the cultural participation of adolescents. **Poetics**, 2014, 42: 98-113.

WINNICOTT, Donald Woods. **Bebês e suas mães**. Ubu Editora, 2020a.

WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Ubu Editora, 2021a.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Ubu Editora, 2020b.

WINNICOTT, Donald Woods. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Ubu Editora, 2022.

WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. Ubu Editora, 2021b.